



## **(Re)pensar a construção da identidade “pelo” e “no” discurso midiático<sup>12</sup>**

Me. Vinícius Durval DORNE<sup>3</sup>

Centro Universitário Cesumar – UniCesumar, Maringá, PR

### **Resumo**

Neste estudo, propõe-se (re)pensar o conceito de identidade para, a partir desta reflexão, observar como os processos identitários são erigidos “pelo” e “no” discurso midiático. Para tanto, fundamenta-se na Análise do Discurso Francesa (AD) em sua relação com Estudos Culturais Britânicos, discutindo como na pós-modernidade a mídia constrói lugares e posições (im)possíveis para os sujeitos sociais, na medida em que tais sujeitos são objetos dos meios de comunicação de massa e, inerentemente a este processo, subjetivados por práticas discursivas midiáticas. Assevera-se a necessidade de colocar em suspenso o discurso da mídia, buscando analisar como produz e faz circular sentidos naturalizados “sobre” e “para” a sociedade.

### **Palavras-chave**

Análise do Discurso Francesa (AD); Estudos Culturais Britânicos; Identidade; Discurso midiático.

### **Uma proposta possível**

Considerando o trabalho docente em cursos de Comunicação Social, em suas diferentes áreas, observamos a necessidade de constantemente refletir “com” e “a partir” de nossos discentes como os discursos midiáticos colocam em circulação sentidos a respeito de diferentes temas, sujeitos, acontecimentos etc. Desta forma, a partir das contribuições da Análise do Discurso Francesa (AD), mostra-se produtivo levar os acadêmicos a observarem o funcionamento discursivo dos produtos midiáticos, questionando essas produções a partir da suposta neutralidade da linguagem e considerando a significação que ultrapassa a exclusiva intencionalidade dos sujeitos. Trata-se de compreender como muitas vezes a mídia reproduz somente o discurso institucional, de sentidos naturalizados, sem exercer o questionamento e sem abrir margem para a contradição inerente na/à sociedade.

---

1 Trabalho apresentado na Divisão Temática 6 – “Interfaces Comunicacionais”, evento componente do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 8 a 10 de maio de 2014.

2 A presente pesquisa contou com o apoio do Programa de Apoio ao Desenvolvimento Profissional: Capacitação Docente e Técnica (PADEP), do Centro Universitário Cesumar (UniCesumar).

3 Doutorando em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho” (UNESP – campus Araraquara). Docente dos cursos de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo e Publicidade e Propaganda, do Centro Universitário Cesumar (UniCesumar), e-mail: [dorne.vinicius@gmail.com](mailto:dorne.vinicius@gmail.com).



Destarte, ressaltamos como a mídia se constitui atualmente como uma esfera social autorizada e legitimada a colocar em circulação discursos que, por esse mesmo reconhecimento, não raro são tomados como “verdades” unívocas a serem seguidas pela sociedade. Todavia, propomos aos acadêmicos terem uma visão (e uma atitude) menos ingênua com a linguagem e, portanto, de maior comprometimento para com e sobre o papel que os meios de comunicação de massa ocupam/exercem na sociedade, questionando os sentidos naturalizados e colocados em circulação *pela e na* mídia.

Entre as possibilidades de refletir sobre a mídia, está o exercício de observar como no discurso midiático os sujeitos são tomados como objetos dos discursos e, desta forma, construídos e subjetivados no interior desses mesmos discursos. Ou seja, compreender como os sujeitos são retratados das/nas mais diferentes formas pelo discurso da mídia. Tal tarefa se faz necessária quando consideramos que atualmente a mídia é a principal (re)produtora de discursos dos/nos seus mais diversos campos, produzindo regimes de verdade e subjetivando os sujeitos.

Para essa tarefa, fazemos neste estudo uma reflexão sobre o conceito de “identidade” pelo viés discursivo, valendo-nos das contribuições dos Estudos Culturais Britânicos. Assim, como discute Landowski (2002) em *Presenças do Outro*, a construção identitária dos sujeitos *pelo e no* discurso se dá sobremaneira por meio de relações de diferenciação; é por meio do primado epistemológico da “relação” que é possível também estabelecer um método de análise dos discursos e das práticas significantes. Para o mundo fazer sentido “é preciso que ele nos apareça como um universo articulado – como um sistema de relações [...] o principal, em todos os casos, é o reconhecimento de uma diferença, qualquer que seja sua ordem” (LANDOWSKI, 2002, p.3).

Dessa forma, a maneira pela qual os sujeitos se definem – ou são definidos pelos discursos – nada mais é que uma relação entre o “eu” e o “outro”: a identidade é construída, então, na instalação de uma alteridade, aquilo que separa o “eu” do que ele não é, o “outro” (LANDOWSKI, 2002).

### ***A problemática – ou o problema da – Identidade***

Conforme Hall (2009, p. 103), há atualmente uma “explosão discursiva em torno do conceito ‘identidade’” que tem despertado muitas discussões e críticas a



respeito de como o conceito está sendo trabalhado. De acordo com o autor, as pesquisas nas mais diferentes áreas têm apontando para uma desconstrução da identidade integral, originária e unificada.

Segundo Hall (2006), as “velhas identidades” estão dando lugar a “novas identidades” fluidas, descentradas, que nada mais são que o reflexo do homem moderno, em um processo cujo resultado é chamado de “crise de identidade”. Conforme o autor, essa crise é parte de uma mudança muito maior operada nas estruturas e processos centrais da sociedade moderna: inseridos nessa sociedade, os sujeitos têm perdido as referências que lhes garantiam uma estabilidade no mundo social. Segundo Bauman (2005), o caráter frágil e provisório da identidade não consegue ser mais ocultado.

Hall (2006) explica que a mudança estrutural que vem transformando a sociedade iniciou-se fortemente no final do século XX, fragmentando paisagens culturais – até então bases sólidas de referência para os indivíduos sociais – como gênero, sexualidade, etnia, gênero e nacionalidade. Para o estudioso, essas transformações estão operando mudanças nas identidades pessoais, na forma como os indivíduos veem a si próprios: trata-se do “descentramento do sujeito”: “esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma ‘crise de identidade’ para o indivíduo” (HALL, 2006, p. 09).

Como ressalta Woodward (2009), teóricos e sociólogos vislumbram na sociedade contemporânea ou da modernidade tardia as identidades entrando em colapso, em conflito. As transformações globais têm tido papel preponderante nas (re)operações das identidades, de forma que fatores econômicos, culturais e sociais estabelecem novas formas de produção e consumo, gerando identidades novas e globalizadas, como explica a autora. Para Bauman (2005), em meio a esse mundo de oportunidades fugazes e de seguranças frágeis, não funcionam mais as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis. Segundo Woodward (2009), a globalização exerce um papel paradoxal:

[...] a homogeneidade cultural promovida pelo mercado global pode levar ao distanciamento da identidade relativamente à comunidade e à cultura local. De forma alternativa, pode levar a uma resistência que pode fortalecer e reafirmar algumas identidades nacionais e locais ou levar ao surgimento de novas posições de identidade (WOODARD, 2009, p. 21).



Argumenta Woodward (2009) que, muito além dessas mudanças operadas em escala global, nacional e política, a formação das identidades também está nos níveis “local” e pessoal. Retomando Ernesto Laclau (1990)<sup>4</sup>, a autora expõe que as sociedades modernas não têm mais um núcleo ou centro determinado e fixo de produção de identidades, responsável por moldar todas as relações sociais, mas que há uma pluralidade de centros. Laclau (1990), citado por Woodward (2009), sustenta que não existe mais uma única força totalizante e determinante, como propõe o conceito de classe no paradigma marxista, e que, conseqüentemente, sendo a luta de classes não inevitável, a emancipação social não estaria nas mãos de uma única classe: a partir dessa multiplicidade de centros, novas identidades puderam emergir. Asseveramos que um desses espaços responsáveis pela construção e circulação de identidades, sobremaneira, é a mídia.

Não obstante, ressalta Hall (2006) que a figura do sujeito com uma identidade única e estável cede lugar a um sujeito descentrado, fragmentado, que comporta não mais uma, mas várias identidades, muitas vezes contraditórias e mal resolvidas. Nesse processo, as identidades construídas pelas paisagens sociais exteriores, que permitiam uma conformidade da questão subjetiva dos sujeitos com as objetivas da cultura, começam a entrar em conflito em decorrência de mudanças estruturais e institucionais (HALL, 2006). Conseqüentemente, como expõe o autor, o mecanismo de identificação a partir do qual os sujeitos se projetam nas identidades culturais torna-se mutável, problemático e provisório.

O fruto desse processo é o sujeito pós-moderno, explica Hall (2006), que não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente; uma “celebração móvel” é como caracteriza o autor a identidade desse sujeito. Dessa forma, compreende-se que a identidade é continuamente construída e modificada em virtude das formas como os sujeitos são representados ou interpelados pelos sistemas culturais que os circundam, ou seja, são construídas historicamente e não mais biologicamente. Assim, na proposta deste estudo, cabe ressaltar como a mídia se marca como uma esfera produtora de discursos que constrói historicamente identidades (im)possíveis para os sujeitos. Hall (2006) argumenta que todo sujeito carrega em si diferentes identidades em diferentes momentos e, assim, deixa de ser um centro coerente dentro do qual haja uma unificação das identidades. Ao contrário, as identidades estão a todo o momento em conflito,

---

<sup>4</sup> Teórico citado no corpo de texto, mas não constante nas referências bibliográficas de **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual** (2009), de Kathryn Woodward.



digladiando entre si, apontando para direções opostas e transformando o sujeito da identidade unificada, completa, segura e coerente, em um mito, uma fantasia:

[...] ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2006, p. 13).

A partir desse entendimento, Hall (2006) afirma que a identidade é formada no decorrer do tempo (logo, não é inata), estando sempre incompleta e funcionando como um processo em andamento. A certa altura o autor comenta: “a identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é ‘preenchida’ a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros [grifos do autor]” (HALL, 2006, p. 39). Em nosso entendimento, a identidade é um processo criado não só pelo indivíduo sobre si mesmo, como ressalta Hall (2006), mas também por esse “outro”; logo, não é somente como imaginamos que os outros nos veem, deve-se considerar como o sujeito é “visto” e objetivado/subjetivado pelo outro, como a mídia, por exemplo.

Compreende-se, então, que a identidade é relacional, portanto, só é construída *pela e na* diferença (WOODWARD, 2009). Conforme Woodward (2009), é preciso haver algo fora dela, uma diferente identidade que a distingue, mas que, principalmente, possibilita sua própria existência: ou seja, a identidade se marca por aquilo que ela não é, pela diferença. A diferença assume, assim, dois lados: o negativo, quando exclui e marginaliza aqueles que são considerados os “outros”, forasteiros; e o positivo, quando proclamada como fonte enriquecedora do hibridismo, da diversidade, da heterogeneidade (WOODWARD, 2009).

Silva (2009) também compartilha dessa ideia ao afirmar que identidade e diferença mantêm uma relação de estreita dependência. Ao se reafirmar uma identidade, automaticamente se estão negando outras, apontando diferenças; assim também, afirmar uma diferença só faz sentido na relação com outras afirmações sobre a identidade, numa rede oculta de negações sobre (outras) identidades. Conforme o autor, “[...] assim como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são, pois, inseparáveis” (SILVA, 2009, p. 75). É nessa relação com o “exterior constituinte”, com o “Outro”, que a identidade pode ser construída (HALL, 2009).



Observamos que, ao tratar a identidade, a todo o momento recaímos no “circuito da cultura” e, segundo Woodward (2009), na forma como se dá o relacionamento entre identidade e diferença e destas com a noção de representação. Nessa relação entre cultura e significado – explicita a estudiosa – este só pode ser compreendido num sistema de representação quando analisado em quais “posições-de-sujeito” é produzido e como os sujeitos podem ser posicionados em seu interior. Trata-se de observar como são produzidas identidades por tais sistemas de representação presentes na mídia: “a representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-os como sujeitos” (WOODWARD, 2009, p. 17).

Nesse processo, conforme Woodward (2009), as representações produzem significados e estes, por sua vez, dão sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Dessa compreensão resulta que a representação, fruto de um processo cultural, gera identidades individuais ou coletivas, e os sistemas simbólicos, estrutura de tal representação, permite responder a questões como: “Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser?” (WOODWARD, 2009, p. 17). Assim, como expõe a autora, são os discursos e tais sistemas de representação que criam os lugares a partir dos quais os sujeitos podem se posicionar e dos quais podem falar, mas que também, ressaltamos, são posicionados e são falados. É a partir dos discursos que, muitas vezes, a mídia diz à sociedade qual a “posição-de-sujeito” a ser tomada/ocupada: a do “novo homem”, do adolescente esperto, da mãe sensível.

Para Silva (2009), o que está em jogo nesta disputa pela identidade são recursos simbólicos e materiais da sociedade, portanto há nela uma clara conexão com as relações de poder, a saber, com o poder de impingir a identidade e de marcar a diferença. Segundo o autor, é preciso compreender que a identidade e a diferença nunca são inocentes, de forma que onde é possível verificar a diferenciação, o poder se faz presente. Entre as marcas da presença do poder, de acordo com Silva (2009), estão incluir/excluir, demarcar fronteiras, classificar e normalizar.

Conforme Woodward (2009), os sujeitos estão imersos num emaranhado de instituições – definidas como “campos sociais” por Pierre Bourdieu (1984)<sup>5</sup>, citado por Woodward (2009) –, como família, escola, partidos políticos, etc., dentro das quais exercem diferentes papéis, utilizando um conjunto de recursos simbólicos.

---

<sup>5</sup> BOURDIEU, Pierre. **Distinction**: a social critique of the judgement of taste. Cambridge: MA, Harvard University Press, 1984.



Consequentemente, diferentes contextos sociais acarretam diferentes significados sociais: “em um certo sentido, somos posicionados – e também posicionamos a nós mesmos – de acordo com os ‘campos sociais’ nos quais estamos atuando” (WOODWARD, 2009, p. 30).

Nesse cenário, os sujeitos são subjetivados e se subjetivam em relação a diferentes áreas como a etnia, a raça, o gênero, a sexualidade e a política. A partir dessas áreas surgem novas formas de identificação, e estruturas identitárias antes tão rígidas começam a adquirir um caráter móvel, intercambiável, fragmentado (WOODWARD, 2009). Segundo Woodward (2009), a complexidade da vida moderna exige que os sujeitos assumam (complementamos afirmando que também lhes são impingidas) diferentes identidades, muitas vezes em conflito entre si.

Também Silva (2009) expõe que identidade e diferença não são coisas prontas, “já-ai”, mas são ativamente produzidas num mundo cultural e social. São os sujeitos quem as fabrica, logo elas são criações sociais e culturais. Dessa forma – explica o autor – a identidade e a diferença são atos de criação linguística, o resultado de um processo simbólico e discursivo: os sujeitos se constituem e são constituídos *pelo e no* discurso, conforme ratifica Woodward (2009). Segundo a autora, os sujeitos estão submetidos ao discurso, devendo eles próprios assumi-lo, posicionando-se a si próprios e sendo posicionados. Para a estudiosa, é a partir das posições que assumem e com as quais se identificam que os sujeitos constituem suas identidades. Não obstante, compreendemos que tal processo engloba sobremaneira as relações de identificação e de representação criadas pela instância produtora do discurso sobre os sujeitos objetos de tais práticas de subjetivação.

Hall (2009) expõe que o que falta numa discussão sobre a identidade é uma “teoria da prática discursiva”, ou seja, estabelecer uma relação entre os sujeitos e as práticas discursivas, observando como a identificação implica um processo de subjetivação e a política de exclusão promovida por tal subjetivação. Para o estudioso, as identidades – sempre mutáveis, fragmentadas, em deslocamento e (re)construção – são construídas pelos discursos, práticas e posições, portanto estão sujeitas à historicização:

[...] é precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de



formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas (HALL, 2009, p. 109)

Como explicita Hall (2009), propomos levar a reflexão sobre a construção dos processos identitários *pela e na* mídia pelo fato de a identidade estar envolvida em modalidades específicas de poder, às quais se encontra intimamente envolvida, promovendo a marcação da diferença e da exclusão. Portanto, se aqui se propõe (re)pensar a noção de identidade pelo viés discursivo, colocando em suspenso o discurso midiático a partir da análise de como se constrói, funciona e circula na sociedade, é para refletir que a identidade não deve ser vista como algo que tudo inclui, que agrega, inteira, mas como algo que divide, segrega, exclui, que transforma o diferente em “exterior” (HALL, 2009).

Como expõe Laclau<sup>6</sup> (1990), citado por Hall (2009), cabe observar como toda construção de uma identidade é um ato de poder e que sua (re)afirmação depende da repressão do que é diferente, daquilo que ameaça. Enfim, propomos trabalhar com os acadêmicos de Comunicação Social a análise das estratégias presentes no discurso midiático, que sempre conclamam para o sentido/ o desejo de “verdade” como algo único e indiscutível.

## Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

\_\_\_\_\_. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. 9. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

LANDOWSKI, Eric. Buscas de identidade, crises de alteridade. In: LANDOWSKI, Eric. **Presenças do outro**. Ensaios de sociosemiótica. Tradução de Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Perspectiva, 2002, p. 3-29.

MARQUES DE MELO, José. **A opinião no jornalismo brasileiro**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

---

<sup>6</sup> LACLAU, Ernesto. **New Reflections on the Revolution of Our Time**. Londres: Verso, 1990.



SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 9. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 9. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.